



ALINE BINSFELD

Manutenção/substituição linguística: um estudo diacrônico numa família teuto-brasileira de São João do Oeste

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 23/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS)

Profª Dra. Cristiane Horst (UFFS)

Documento assinado digitalmente
Elena Wendling Ruscheinsky
Data: 25/03/2022 18:09:54-0300
Verifique em <https://verificador.ig.br>

Profª. Ma. Elena Wendling Ruscheinsky (UFFS)

Manutenção/substituição linguística: um estudo diacrônico numa família teuto-brasileira de São João do Oeste¹

Aline Binsfeld²

abinsfeld27@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho insere-se no conjunto de pesquisas da dialetologia pluridimensional e relacional sobre as línguas de imigração e a partir dele buscou-se descrever e analisar, de forma qualitativa, a manutenção e substituição linguística em diferentes gerações de uma família teuto-brasileira da cidade de São João do Oeste. São João do Oeste é uma cidade interiorana, com cerca de 6500 mil habitantes, localizada no extremo-oeste de Santa Catarina. Foi colonizada majoritariamente por alemães, a grande maioria praticante do catolicismo, religião esta exigida na época da colonização por parte da companhia colonizadora, vinda do Rio Grande do Sul, chamada Volksverein, que tinha o Pe. Max von Lassberg como agrimensor. A escolha da cidade deu-se pela grande valorização da língua alemã que, inclusive, faz parte do currículo escolar das escolas públicas municipais. A variedade alemã falada no município é o Deutsch/Deutsch. Através desse trabalho buscou-se compreender, a partir de um levantamento de dados com base nas dimensões diageracional, diasssexual e diafamiliar, quais fatores favorecem e interferem na manutenção e substituição da língua materna considerando a vivência em uma sociedade bilíngue na qual ambas as línguas, tanto o alemão quanto o português, são praticadas simultaneamente no dia a dia da grande maioria dos habitantes. Através desta pesquisa será possível analisar essa dicotomia (manutenção-substituição) e como ela se dá no município a partir do trabalho diacrônico de tempo aparente.

PALAVRAS-CHAVE: Manutenção e substituição linguística; São João do Oeste; língua materna; alemão.

Introdução

O presente trabalho insere-se no conjunto de pesquisas da dialetologia pluridimensional e relacional (doravante DPR) sobre as línguas de imigração e, através deste, buscamos descrever e analisar, de forma qualitativa a manutenção e substituição linguística partindo de diferentes gerações de uma família teuto-brasileira, da cidade de São João do Oeste, SC³. Os dados foram obtidos a partir de cinco entrevistas com a aplicação de um questionário. Em seguida, foi feita a análise dos dados obtidos com base nos pressupostos

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

² Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ CEP: 89897-000

teóricos e metodológicos da DPR. Toda a pesquisa foi baseada na dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1998, 2005 e 2010) e foram consideradas as dimensões diageracional, diassexual e diafamiliar.

A dialetologia pluridimensional e relacional surgiu da necessidade de analisar as variações linguísticas ultrapassando a barreira da dialetologia tradicional, que, por um lado, baseia suas pesquisas nas diferenças em relação às áreas e, por outro lado, da sociolinguística que por si só, coleta e analisa de forma monodimensional poucas variantes linguísticas, porém aplica em um número consideravelmente grande de informantes divididos em dimensões extralinguísticas. A DPR consiste no estudo dessas variações considerando diferentes dimensões que podem interferir no modo de falar dos informantes, como por exemplo, o gênero e a faixa etária dos informantes, e o status social. De acordo com Thun (1998), através da DPR é possível afastarmos o mito de que há uma homogeneidade ou uniformidade na linguagem.

A região Sul do Brasil teve forte influência da colonização europeia, principalmente por imigrantes alemães e italianos. Aqui se juntaram aos povos indígenas e caboclos que habitavam estas terras. Atualmente, essa região continua recebendo muitos imigrantes de outros países, em sua grande maioria do Haiti e da Venezuela.

Quando um país é colonizado, além das crenças e dos costumes, a língua é outra riqueza trazida na bagagem. As línguas de imigração, principalmente a germânica e a italiana, ainda estão muito presentes nessa região e a ênfase no estudo da manutenção e substituição linguística destas se dá pela importância dessas línguas no sentido de que elas compõem parte da identidade cultural dos indivíduos sendo consideradas, assim como explicam Horst, Krug e Fornara (2017, p.3) “como patrimônio cultural imaterial”.

Um dos objetivos principais deste trabalho foi a busca por explicitar a importância da valorização das línguas de imigração uma vez que, conforme Horst, Krug e Fornara (2017, p.10) “Não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação”.

A escolha por analisar uma família teuto-brasileira de São João do Oeste deu-se pelo fato da grande valorização da língua alemã que ainda é observada e, além disso, seu uso faz parte do dia a dia de quase todos os habitantes do município, e não ocorre somente no ambiente familiar, ele se estende ao comércio e à escola, por exemplo.

São João do Oeste é uma pequena cidade interiorana do extremo-oeste de Santa Catarina. Seu território foi colonizado majoritariamente por imigrantes alemães que criaram suas colônias, dividiram terras e criaram o perímetro urbano. Além de costumes e crenças germânicas, os moradores preservam fortemente a língua alemã através das variedades Deitsch/Deutsch, entretanto predomina a variedade Deitsch. A língua é utilizada por cerca de 95% da população (conforme dados do site da Prefeitura do município) que, além do alemão, fala o português alternadamente.

Apesar da grande maioria da população do município ainda falar a língua, percebe-se que já existe um processo de estigmatização da mesma, ou seja, ela é vista como não prestigiada ou até mesmo errônea, aspecto que influencia na transmissão da mesma para as futuras gerações.

É perceptível que ainda há lacunas nessa área de pesquisa a respeito da manutenção e substituição linguística e sobre sua importância, como e porque elas ocorrem e sobre como a sociedade pode intervir na substituição com o objetivo de preservar a língua que faz parte da identidade de um povo.

Em relação às questões sobre o bilinguismo, sabe-se que há vários conceitos distintos para esse fenômeno e que costumeiramente é o nome dado à pessoa que fala duas línguas, mas conforme KLEIN (2014), “[...] por mais que haja um amplo estudo do bilinguismo, é difícil encontrar e estabelecer um conceito que defina e qualifique completamente o que venha a ser um indivíduo bilíngue, considerando todos os elementos do indivíduo bilíngue.” (p.5). Nesta pesquisa, foi considerado o conceito de bilinguismo dado por Mackey (1972) que o determina como muito relativo e que se deve considerar o bilinguismo como a capacidade de um indivíduo de utilizar duas línguas de forma alternada.

As análises que foram realizadas nesta pesquisa estão embasadas principalmente nos estudos e na teoria da dialetologia pluridimensional e relacional de Harald Thun (1998, 2005 e 2010). Suas análises deram amparo nas reflexões sobre a manutenção e substituição linguística.

1 Línguas de imigração e bilinguismo

As línguas de imigração, assim como o próprio nome já diz, são as línguas trazidas pelos imigrantes, ou seja, elas provêm de um processo natural de imigração. Como

consequência disso, há uma transposição de contextos, tanto sociais quanto políticos. Nesta pesquisa, foi dado ênfase na língua e no dialeto alemão, visto que a região Sul do Brasil foi colonizada majoritariamente por alemães e italianos.

É possível destacar que por muitos anos e ainda na atualidade as línguas autóctones são estigmatizadas e são objeto de vários preconceitos. Conforme Altenhofen e Margotti (2011), “Apesar do seu enraizamento nesse novo meio, as línguas de imigração são comumente vistas como um corpo estranho e diferente, o qual contrasta com a língua oficial [...]” (p.290). Essa questão não é difícil de ser compreendida uma vez que se vive numa sociedade na qual por muito tempo não se aceitou as variações linguísticas e que buscou uniformizar e padronizar uma língua, o português.

A estigmatização das línguas de imigração fomenta cada vez mais a sua perda e o distanciamento entre elas e as gerações mais novas. Vale ressaltar que esse distanciamento não ocorre apenas com a língua, mas também com a cultura e a identidade do indivíduo. Atrelado à estigmatização da língua existe o sentimento de vergonha, que faz com que o indivíduo deixe de falar a sua variedade, o seu dialeto ou a sua língua em detrimento do preconceito linguístico. Conforme Krug (2004) “O sentimento de vergonha em “falar errado” ou “não saber falar bem” uma variedade, faz com que os indivíduos deixem de usá-la. (p.97)

A presença da grande variação de etnias no Brasil resultou, ao contrário do que muitos acreditam, num grande plurilinguismo e contatos linguísticos e isso culminou em uma grande variedade de habilidades e produções linguísticas e ainda possibilitou que haja um olhar distinto sobre as variedades individuais, os chamados idioletos. Altenhofen e Margotti (2011) defendem que

[...] nenhum bilíngue é igualmente bilíngue, pois o grau de proficiência em L1 e L2 e as habilidades de uso dessas línguas variam de tal modo que se torna difícil determinar até onde um comportamento é uma exceção ou corresponde a uma conduta coletiva da sociedade. A isso se soma o fato de as línguas de imigração apresentarem variações dialetais muito acentuadas, de acordo com a matriz de origem dos imigrantes. (p.297)

Neste ponto é possível destacar que há várias definições para o bilinguismo, como por exemplo a capacidade de falar duas línguas tal e qual como um falante nativo ou de dominar todas as habilidades, de forma igual, de duas línguas diferentes. Nesse sentido, Romaine (1995) conceituou o bilinguismo como sendo algo relativo e na mesma direção, Mackey

(1972) o conceituou como a ação de utilizar, de forma alternada, duas ou mais línguas, não necessariamente com a mesma eficiência o que vai de encontro com Horst e Krug (2020) que explicam que o indivíduo faz uso de suas línguas em diferentes situações e contextos e com pessoas diferentes e, conforme eles, “[...] considerando que os usos linguísticos são diferentes, é compreensível que o domínio e a fluência do indivíduo não sejam iguais nas diferentes línguas.” (p.1281). Nesse sentido, Bolzan (2014) salienta que “[...] as práticas linguísticas do bilíngue variam em grau, função, alternância e interferência.” (p.3)

A função, conforme Bolzan (2014) refere-se ao uso da língua que pode variar devido a aspectos como idade, gênero, motivação e aptidão, por exemplo. O grau diz respeito à competência, isto é, o quanto o indivíduo conhece as línguas. A alternância diz respeito ao uso alternado das duas ou mais línguas faladas, considerando o contexto e as situações de uso e a interferência refere-se à transição de aspectos de uma língua para a outra. Bolzan (2014) destaca que “Uma das características cruciais do indivíduo bilíngue é que ele sabe que pode fazer escolhas dentre as línguas que fala e que seu repertório linguístico atende a funções.” (p.4)

Partindo desses aspectos, torna-se inapropriado, conforme destaca Bolzan (2014), classificar o indivíduo como não bilíngue ou bilíngue, mas sim buscar compreender em que medida o bilinguismo acontece.

2 Manutenção e substituição linguística

A manutenção ou substituição de uma língua são duas questões que estão ligadas diretamente a aspectos como a valorização, o incentivo e o preconceito presente no uso de uma determinada língua, além de fatores relacionados à própria colonização. Segundo Ferreira (2020),

A manutenção de uma língua e a sua substituição são extremos de um contínuo, um leque de possíveis cenários desde a continuação de uso das línguas tradicionalmente usadas na comunidade (*a manutenção*) [...] até a situação na qual essas línguas não são mais usadas em uma comunidade e uma nova língua (ou línguas) aparece no seu lugar (*substituição*). (p.104)

Nesse sentido, é interessante destacar que o objeto de estudo deste trabalho é uma família teuto-brasileira, que vive em uma sociedade bilíngue onde se mantém fortemente a

cultura alemã, inclusive a língua, mas apesar disso já é perceptível que a língua alemã já está perdendo sua “força” entre as gerações mais novas.

Quando o assunto é a manutenção ou substituição de uma língua torna-se necessário refletir quais os fatores que levam um indivíduo a manter uma determinada língua ou a substituí-la. Essa análise possibilita que um plano de ação possa ser pensado com o intuito de manter essa língua. Bernardi (2015) destaca que um dos fatores que pode interferir na manutenção de uma língua é o fato de que ela possui um *status* e de que ele está relacionado ao *status* dos seus falantes. Conforme Bernardi (2015),

O status de uma língua está diretamente relacionado a seus falantes, se eles tiverem prestígio na sociedade, sua língua também terá e, se não tiverem sua língua será desprestigiada, menosprezada, sofrerá com repressões e dificilmente continuará sendo usada. Ou seja, até os próprios falantes criam, muitas vezes, resistência à própria língua. (p.23)

Além do *status*, há outros aspectos que podem ter grande influência no sentido de manter ou não uma língua, como por exemplo os fatores geográficos, econômicos, políticos, econômicos, demográficos, midiáticos, atitudinais e institucionais e todos eles podem interferir de formas diferentes, conforme o contexto.

É necessário destacar que todos os dias os falantes dessas línguas distintas ou das variedades se vêem frente a decisão de manter a sua variedade ou de substituí-la por uma de maior prestígio, e isso ocorre principalmente com línguas consideradas minoritárias que tentam enfrentar uma língua de maior valorização e *status* para a sociedade. Nesse sentido, Kaufmann (2019) aclara que “Situações como essa, de substituição de uma língua de menor prestígio por outra de maior prestígio, seja por escolha ou por imposição, fazem com que algumas línguas deixem de existir com o passar do tempo.” (p.36)

Uma das ferramentas para que haja a manutenção de uma língua é a valorização da mesma através da conscientização da sociedade em relação à diversidade linguística. Esse é um dos primeiros passos para a manutenção das línguas minoritárias. Além disso, a família também possui um papel de extrema importância uma vez que os laços familiares atrelados à importância de passar a língua para as futuras gerações pode promover uma força contrária em relação a substituição da língua.

Em consonância ao incentivo da família em manter uma língua, a escola também possui um papel fundamental. A família escolhida para esta pesquisa vive numa cidade onde o

alemão é ofertado como disciplina obrigatória na escola municipal localizada no centro da cidade e que atende alunos de 1ª à 5ª série, entretanto o alemão ensinado pelos professores é o alemão padrão. Nesse sentido podemos inferir que o alemão acaba sendo ensinado como uma língua estrangeira e, ao não ensinar a variedade utilizada pelos munícipes, o que acaba facilitando a estigmatização como língua minoritária e sem prestígio dessa variedade o que vai contra do que se espera quando se fala em manutenção, conforme Bolzan (2014),

No caso da educação bilíngue de manutenção, busca-se manter e fortalecer a língua minoritária trazida de casa, afirmando a cultura trazida com ela pela criança e aproveitando as habilidades adquiridas na aprendizagem da língua majoritária. Essa modalidade busca promover e valorizar o bilinguismo. (p.7)

A família e a escola têm um papel importante para manter a língua, entretanto a sociedade também contribui de forma significativa. Conscientizar as pessoas sobre a relevância do ensino das variedades de imigração, que costumeiramente são línguas ágrafas, dos pais para os filhos, torna a manutenção muito mais palpável e pode-se chegar a uma consciência linguística muito mais favorável para a manutenção de línguas minoritárias.

3 Identidade, crenças e atitudes linguísticas

A língua é um instrumento de comunicação porém ela não se restringe somente a isso, é através dela que, conforme Matozo (2018, p.33), “[...] grupos se distinguem e transmitem suas normas e valores culturais”. Além disso, as línguas possuem significado social o que possibilita com que seja atribuído um juízo de valor a elas no que diz respeito ao status social dos seus usuários. Em concomitância, destaca-se que ela se apresenta como um dos principais agentes determinantes da identidade e da etnicidade de um grupo de indivíduos, quanto maior for o seu papel identitário, maiores serão as alternativas do uso e da manutenção de uma língua utilizada por um grupo menor.

A identidade não é estática, o que é justificado através da ideia de que, segundo Tabouret-Keller (2007, *apud* Matozo 2018, p.34), “[...] ao longo de toda vida, pessoas recriam, infinitamente, sua identidade, influenciados pelas restrições sociais (históricas, institucionais ou econômicas) e interações sociais que vivenciam, mesmo que sejam subjetivas e únicas”. Em outras palavras, é possível afirmar que ela é subjetiva e dinâmica e são vários os fatores

que influenciam no conceito de identidade. Nesse sentido, Krug (2004, p.12) salienta que “A identidade é antes um processo individual e coletivo da semiose, de produção de significado e de sentido. Não é algo que nasce pronto em um indivíduo.”

Conforme as suas experiências, os indivíduos vão construindo e desconstruindo a sua identidade dentro e fora do seu grupo social. Em relação a isso, Krug (2004, p.13) explicita que “Da mesma forma que se constrói uma identidade no núcleo familiar, a mesma pode ser desconstruída quando o indivíduo sai deste núcleo e entra em outros grupos, cujas vivências e experiências são adversas entre os indivíduos”. Assim como a língua sofre constantes modificações, o indivíduo também muda e conseqüentemente as identidades mudam e são reconstruídas.

A identidade, além de estar relacionada diretamente à língua, também vai de encontro à manutenção e substituição linguística e, paralelamente a isso, há uma ligação direta com o prestígio e a estigmatização das línguas. Matoso (2018) explica que

A noção de identidade também implica a atitude linguística assumida pelo falante ou seja, o julgamento que determinado falante faz de sua língua determinará a sua manutenção ou substituição. Essas atitudes são influenciadas por fatores como o prestígio ou estigma que essas línguas despertam. Sendo assim, a língua também possuirá juízo de valor, o que faz com que o falante de uma mesma língua passe por situações em que é favorável negar seu uso e por situações em que se sinta orgulhoso em afirmar o uso. (p.35)

Ao considerar que a manutenção e a substituição de uma língua podem ser determinadas pela identidade, torna-se pertinente, no que diz respeito às línguas minoritárias, buscar estratégias de valorização, cujo objetivo principal é a sua manutenção, uma vez que elas fazem parte do patrimônio cultural de um povo. Entretanto, apesar de saber da importância da manutenção, há a necessidade de um olhar especial para essas línguas, o que se justifica exatamente pela negação dessas variedades minoritárias principalmente devido a sua estigmatização, processo que ocorre principalmente na infância, quando as crianças iniciam a sua vida escolar.

[...] a negação da variedade minoritária está ligada a questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola. Pode-se dizer que a escola, ao assumir atitudes negativas ou de descaso em relação às especificidades linguísticas do aluno e do meio em que se insere, desconsidera uma série de aspectos sumamente relevantes à socialização e escolarização desses mesmos alunos. (KRUG, 2004, p.10)

Nessa perspectiva, a escola possui um papel fundamental nesse processo, pois é ainda nesse momento da vida que as crianças iniciam o seu processo de aquisição de identidade. Quando a criança começa a criar vínculos com os colegas na escola ela acaba, muitas vezes, se moldando para se sentir parte desse grupo e, como consequência, muitas vezes ela acaba se distanciando da sua língua materna. Em relação a esse processo, Krug (2004) aponta que

Ninguém quer pertencer a um grupo étnico de menor prestígio ou de pouco poder. Nestes casos os indivíduos de comunidades minoritárias tentam se assimilar tanto aos aspectos culturais quanto aos linguísticos dos grupos dominantes. Ser integrante de um grupo com identidade étnica e linguística forte é, muitas vezes, motivo de orgulho, conferindo ao falante um certo sentimento de superioridade. O prestígio e o valor de mercado da língua servem, neste caso, para a construção de uma identidade positiva. (p.10)

Uma consequência explícita dessa busca por sentir-se aceito dentro de um determinado grupo culmina, na grande maioria das vezes, na perda das línguas minoritárias, ou seja, na substituição linguística.

Assim como a identidade está relacionada à língua, as crenças e atitudes linguísticas também influenciam fortemente na língua, tanto para a sua manutenção quanto sua substituição, mas afinal, o que são as crenças? Segundo Michaelis Dicionário Prático - Língua Portuguesa (2009, p.238), as definições para a palavra crença são “1 Ato ou efeito de crer. 2 Fé religiosa. 3 Opiniões que se adotam com fé e convicção.”

O conceito de crença existe desde que os humanos começaram a pensar, pois foi, a partir disso, que eles começaram a acreditar em algo. Segundo Barcelos (2007, *apud* Matoso 2018, p.37),

[Crenças são] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Nesse sentido, as crenças são definidas como dinâmicas pois sofrem modificações conforme o tempo e o contexto, além disso, ao passo que realizamos novas interações e modificamos nossas experiências acabamos remodelando as nossas crenças, dessa maneira podemos afirmar também que as crenças são experienciais pois elas são participantes ativas na construção e reconstrução das nossas experiências. É possível caracterizá-las igualmente como paradoxais e contraditórias uma vez que, assim como a crença logra ser única e

individual, ela também é social, o que se justifica pelo fato de cada pessoa poder assimilá-la de uma maneira distinta. Torna-se necessário ressaltar que, muitas vezes, apesar de sermos fortemente influenciados pelas crenças, nem sempre agimos conforme elas.

Há ainda, conforme Matozo (2018), a ideia de que as crenças estão incorporadas a um componente afetivo ou até mesmo a uma pressuposta cognição que, na maioria das vezes, indica para uma escolha de posição.

No que diz respeito às atitudes linguísticas que, como já citado anteriormente, influem na língua, podemos ter como sinônimos as palavras postura, comportamento ou até mesmo reação, à vista disso Matozo (2018) destaca que “[...] uma atitude pode ser entendida como a postura que se tem perante pessoas, objetos ou situações, podendo se manifestar de forma positiva ou negativa” (p.38). É preciso frisar que as atitudes são uma forma coerente e organizada de sentir, pensar e reagir no que concerne a pessoas, grupos, temáticas sociais e outros eventos em nosso meio.

Em concomitância, segundo Matozo (2018),

[...] a atitude é composta por três componentes: o componente cognitivo, que reflete convicções e crenças sobre o objeto da atitude; o componente afetivo, que gera sentimentos positivos ou negativos do objeto da atitude e o componente conativo, que diz respeito às intenções comportamentais, a pré-disposição ou intenção relativa do que se pretende dizer ou fazer. (p.39)

Torna-se pertinente ressaltar que a atitude sempre vai depender da inter-relação desses três componentes, pois a forma que se reage e o que se sente frente a um objeto social precisa, necessariamente, estar em coerência com aquilo que se pensa sobre ele. Destaca-se ainda, que os humanos sempre formam atitudes no que tange a pessoas, coisas, eventos, instituições e ideias, entretanto é possível encontrar um empecilho pois as atitudes não podem ser diretamente observadas e medidas pelo fato que é uma dedução que se faz do comportamento.

Há ainda que frisar que existe uma grande lacuna entre as atitudes e o comportamento social, pois tem-se uma predisposição a relacionar o que as pessoas dizem com o que realmente fazem, apesar de se saber que quando se tem conhecimento das atitudes pode-se prever os comportamentos. Ainda nessa perspectiva, Matozo (2018) explica que “[...] uma atitude não é um comportamento, mas, sim, uma predisposição para o comportamento, para responder, de maneira particular, ao objeto de atitude” (p.39).

A partir desses conceitos, gostaria de reforçar o que os conceitos de crença e atitudes representam, respectivamente, aquilo que eu acredito e aquilo que eu realmente faço, por exemplo, acredito que é muito importante aprender a variedade do alemão, mas na realidade meus filhos vão estudar inglês e eu não farei o repasse da variedade para eles.

4 Metodologia para a definição dos dados

A presente pesquisa é de cunho qualitativo e buscou analisar, através da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (2010), aspectos relacionados à manutenção e substituição linguística da língua alemã em diferentes gerações de uma mesma família teuto-brasileira da cidade de São João do Oeste. Aplicou-se um questionário, formado por 32 perguntas, com os informantes. Os dados resultantes da pesquisa foram analisados a partir das dimensões diageracional (quatro gerações), diassexual (masculino e feminino) e a dimensão diafamiliar (grau de parentesco entre os informantes). Torna-se pertinente destacar que a entrevistadora foi a autora deste artigo.

4.1 Dialetologia pluridimensional e relacional

Há muito tempo busca-se descrever e analisar as variações linguísticas que ocorrem nas línguas e nos próprios dialetos. Durante muito tempo as pesquisas nessa área se restringiram à análises apenas no âmbito da origem da língua e de sua descendência envolvendo também estudos geolinguísticos, ou seja, realizando análises de cunho variacional, envolvendo a arealidade. Desta forma, as análises se tornavam muito limitadas uma vez que, apesar de serem utilizados vários informantes, não eram consideradas as divergências entre os diferentes grupos sociais, por exemplo. Com o tempo, conforme Thun (1998), analisar essas mudanças apenas através desse aspecto monodimensional já não supria mais as necessidades dos diferentes fenômenos que ocorrem na língua e, a partir disso, surgiu o que se chama de dialetologia pluridimensional e relacional (DPR).

Em seus estudos sobre a DPR, Thun (1998) menciona que Tomás Navarro foi responsável por iniciar estudos mais completos sobre as investigações relacionadas às variações. A partir de seus estudos, outros critérios de variação começaram a ser analisados e incorporados, como a diastrática envolvendo os fatores sociais e culturais do indivíduo assim

como a diferença entre os gêneros masculino e feminino (diassexual). Além disso, outras pesquisas fomentaram a necessidade da análise de outros aspectos como por exemplo

[...] el famoso estudio de LOUIS GAUCHAT sobre Charmey, pueblo franco-provenzal de Suiza, publicado en 1904, que distingue rigurosamente entre las generaciones y los sexos de los informantes y que incorpora el “panel analysis” de una testigo entrevistada dos veces en un lapso de cuatro años. (THUN, 1998, p.703)

É possível perceber mais uma vez a preocupação em inserir os fatores extralinguísticos relacionados à idade e o sexo dos informantes nos estudos. Agregado a isso, alguns anos depois anunciou-se, segundo Thun (1998) “[...] una dialectalización de la sociolingüística [...]” (p.703) a qual passou a associar fatores sociais com a arealidade.

De acordo com Thun (2005) outro trabalho importante, que trouxe, indiretamente, aspectos pluridimensionais como a diferenciação da fala de homens e mulheres, de faixas etárias e níveis socioculturais foi o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía* (ALEA). Com um conteúdo mais expressivo é possível citar também o *Atlas Lingüístico de México* (ALM) que para Thun (2005) é ambiciosa uma vez que “Entrevista sete ou mais pessoas por localidade e distingue entre cinco níveis socioculturais, entre três gerações, entre homens e mulheres e entre dois estilos (fala espontânea e respostas às perguntas).” (p.65-66). Entretanto ele lamenta que ao não devido aos mapas fonéticos não separarem as classes dos falantes, perde-se a riqueza pluridimensional.

É possível afirmar que de fato a DPR surgiu através da junção da dialetologia areal (geolinguística) com a sociolinguística e ela é considerada como uma parte da ciência que estuda as variações linguísticas e trabalha dois eixos, conforme menciona Thun (1998), de um lado as relações entre as variantes e variedades e do outro, os falantes. É preciso destacar que a DPR é responsável por estender as variações a um espaço tridimensional assim como Thun (1998) já evidenciava em seus estudos “La superficie bidimensional horizontal de la Dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística forman juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectología pluridimensional y relacional [...]” (p.704). Atrelado a isso, é ela quem mais se aproxima de uma descrição completa das diferentes formas linguísticas e da sua vinculação com os falantes.

Ao contrário do que se imagina, a DPR não se atém somente ao “purismo” dos dialetos, seus estudos vão muito além quando abrangem também fenômenos do contato entre

línguas consideradas minorias ou maiorias, variações estilísticas, regionais, variedades mistas além dos comportamentos linguísticos de indivíduos que muito se deslocam do seu espaço e comparação com indivíduos que pouco ou que não se deslocam do seu espaço além de outros aspectos. Thun (1998) frisa que

La pluridimensionalidad pretende ensanchar el marco de percepción de los hechos variacionales y rescatar ciertos fenómenos del desapercibimiento. Se pueden evitar así las dos conclusiones peligrosas de la Dialectología monodimensional: la supuesta uniformidad del paisaje lingüístico (falta de variación, mapa lleno de formas idénticas) y la supuesta ausencia total del hecho potencialmente variable (mapa vacío). (p.707)

A DPR não se detém a explicar as causas das variações linguísticas, mas sim, como afirma Thun (1998) “[...] insiste en las ventajas que arroja para la interpretación diacrónica el conocimiento detallado de un segmento del camino recorrido por las innovaciones en el espacio variacional.” (p.741). Através dos estudos de Thun (1998) e (2005) é possível compreendermos a importância que essa nova forma de estudar as variações possui frente aos inúmeros aspectos que podem ter influência nelas.

4.2 Os informantes

Foram entrevistados 10 informantes de uma mesma família, sendo estes divididos em quatro gerações: avós, pais e filhos; resolveu-se dividir os filhos em duas gerações pois são de faixas etárias distintas. Foram dois informantes com idade acima de 70 anos (GI), sendo um masculino (M) e um feminino (F); quatro informantes com idades entre 40 e 50 anos (GII), sendo dois masculinos (M1 e M2) e dois femininos (F1 e F2), dois informantes com idades entre 18 e 30 anos (GIII), sendo dois femininos (F1 e F2) e dois informantes com idade de 8 anos (GIV), sendo um masculino (M) e outro feminino (F). Vale lembrar que todos os informantes são de São João do Oeste, em Santa Catarina.

4.3 Questionário

O questionário utilizado neste trabalho é uma adaptação do questionário base elaborado para o projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, (KRUG, 2013) é composto por 32 perguntas referentes às questões de identidade, crenças e atitudes linguísticas.

As entrevistas foram realizadas em duplas para que a pluralidade dos informantes fosse preservada, desta forma, conforme Thun (1998), “[...] la pluralidad de encuestadores (grupos de 2) ayudará a obtener información más completa y más segura.” (p.706). Vale ressaltar que a maioria das perguntas foram realizadas na variedade de imigração dos informantes, salvo nas situações em que os informantes não sabiam a variedade, neste caso o questionário foi aplicado em língua portuguesa.

4.4 São João do Oeste, o ponto de pesquisa

São João do Oeste é uma pequena cidade interiorana localizada no extremo-oeste de Santa Catarina e possui, conforme dados do IBGE (2010), cerca de 6036 habitantes. A sua economia é baseada na agricultura, empresa de laticínios e no turismo. Foi colonizada majoritariamente por alemães, a grande maioria praticante do catolicismo, confissão esta exigida na época da colonização por parte da companhia colonizadora, vinda do Rio Grande do Sul, chamada *Volksverein*, que tinha o Pe. Max Von Lassberg como agrimensor. Após adquirir a área, as terras foram divididas em colônias e chácaras, houve também a fundação do perímetro urbano.

A comunidade sede teve o seu início de colonização em 1932 com a celebração de uma missa pelo Pe. Teodoro Treis. Após esta data gradativamente os colonos do Rio Grande do Sul adquiriram terras e vinham penetrando nas matas e ocupando as suas posses. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO OESTE. Disponível em: <<https://www.saojoao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/9656>>. Acesso em: 5 de maio. de 2021).

No município, desde a sua colonização, sempre houve uma grande valorização da cultura e costumes trazidos pelos imigrantes alemães, principalmente no que diz respeito à língua alemã, que é a responsável por intitular São João do Oeste como a capital catarinense da língua alemã. O dialeto *Deutsch/Deutsch* é falado por quase todos os habitantes e não se detém apenas ao ambiente familiar, e sim, está presente na comunidade, no comércio e nas escolas, onde inclusive os alunos estudam simultaneamente o alemão, o inglês e o português.

Em busca de preservar as crenças e valores trazidos pelos imigrantes alemães, assim como de valorizar a língua, os costumes e a cultura são resgatados e apresentados aos munícipes e turistas em uma festa, com duração de uma semana “*Deutsche Woche*”, que

acontece uma vez por ano, na qual ocorrem várias atividades alusivas e que termina com o tradicional baile do chopp.

Em relação aos títulos do município, além de ser considerado o maior preservador da língua alemã do estado, possui a maior Igreja construída totalmente em madeira da América Latina, inaugurada em 1948. Além disso, é preciso citar que a cidade foi, por três anos (2004, 2010 e 2012), considerada a cidade com o menor índice de analfabetismo do Brasil.

É preciso salientar que, apesar de ter sido emancipado a pouco tempo, o município é próspero e cada vez mais investe na economia. O seu povo é hospitaleiro, acolhedor e busca sempre manter a cidade limpa e organizada, a fim de receber sempre os turistas da melhor forma possível.

5 Análise dos dados

Daremos início a nossa análise dos dados com a dimensão diageracional e a partir dela agregando as análises das demais dimensões. Das 32 perguntas, definimos 21 questões para a nossa análise. Tal decisão está pautada na relevância das respostas coletadas com nossos informantes, além disso, tivemos perguntas que não houve resposta, estas serão mencionadas na nossa análise, mas não serão computadas no resultado final.

Partindo de uma visão geral e ampla, podemos dizer que nossos dados apontam para uma manutenção da variedade alemã de imigração entre os informantes da GI e GII, enquanto que entre os informantes da GIII e GIV, percebemos que, gradativamente, há a substituição da variedade alemã pela variedade do português. É notório que quanto mais jovens os informantes, maior é o uso da variedade do português e poderíamos inclusive arriscar que os mais jovens, principalmente a GIV manteve , praticamente, só a variedade do português, enquanto que a variedade do alemão somente em raras exceções é utilizada.

A título de organização, iniciaremos nossas análises a partir das primeiras sete perguntas do nosso questionário que visam dar uma visão da identidade.

Quadro 1

Perguntas	GIM	GIF	GIIM1	GIIF1	GIIM2	GIIF2	GIIF1	GIIF2	GIVM	GIVF
1. Was	Ja,	Deitsch	Zwei	Ja,	Zwei,	Auch	Fluente	Duas,al	Três, o	Três

fo Sprach e sprechs t du?	zwei, deitsch und Brasil anisch.	, nur Deitsch .		zwei, mit meine m mann Deitsch und mit unsere n kinder auf Brasil anisch.	Deitsch und Brasil anisch.	zwei.	mente duas.	emão e portug uês.	portug uês, inglês que a gente aprend e na escola e alemão .	també m.
2. Bist du zweisp rachig?	Ja, die mehrhe it Deitsch .	Ja, nur Deitsch , nur wann mir müssen , dann sprache n mir Brasil anisch.	Ja	Ja	Ja	Ja	Ja	Sim	Sim	Sim
3. Was fo hast du zuerst gelernt ?	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Damals sprache n unsere eltern nur Deitsch mit uns.	Ja, Deitsch .	Erst Deitsch .	'Mea' haben zuerst Deitsch gelernt.	Alemã o també m.	Alemã o	Alemã o, mas agora a gente fala mais o portug uês.
4. Was fo sprechs t du besser?	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Die zwei	Deitsch	Deitsch	Portug uês	Portug uês	Portug uês	Portug uês
5. Was fo ist die schönst e?	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Deitsch	Alemã o	Portug uês
6. Was fo ist die schlim mste zu lernen?	Für uns ist es Brasil anisch.	Ja, ich denke es Brasil anisch für uns.	Deitsch	Heute ist es Deitsch .	Deitsch	Deitsch	O alemão .	O alemão .	O alemão .	O alemão .

7. Was fo Sprach sprechs t du der mehrst e in die Familie ?	Deitsch	Deitsch	Die meast auf Deitsch aber mit unsere Mädch en auf brasilia nisch.	Wie er meast auf Deitsch .	Brasili anisch	Die zwei, aber es kommt darauf an mit wem.	Portug uês	Portug uês	Portug uês	Portug uês
---	---------	---------	--	--	-------------------	--	---------------	---------------	---------------	---------------

Nossos dados apontam para uma maior manutenção da variedade Deitsch, pela geração mais velha (GI). Isso pode ser comprovado, primeiramente, pela utilização somente do alemão para responder as perguntas.

Quando questionados sobre “que língua(s) os informantes falam”, todos, com exceção da informante GIF, citam mais que uma língua. Os informantes que citaram duas, referem-se às línguas alemã e portuguesa, já os informantes da GIV passam a incluir uma terceira, a língua inglesa.

É interessante observar que, ao serem questionados sobre quais línguas os informantes falam, obtivemos do GIM tanto o Deitsch quanto o português, porém a informante feminina cita somente o alemão. Já quando a pergunta é a respeito de se considerarem bilíngues, a informante GIF cita que fala o alemão, porém quando necessário fala o português, diferentemente da resposta dada à pergunta anterior. O que nos mostra um maior domínio da variedade alemã em comparação com a do português. Essa forte identificação com a língua alemã da informante GIF pode estar relacionada ao fato da mesma possuir menos contato com a língua portuguesa que o informante GIM, pois a mesma não costuma sair tanto de casa quanto o informante masculino. Em outras palavras, o informante GIM possui mais contato com falantes da língua portuguesa que a informante GIF, o que possibilita que ele acabe utilizando e reconhecendo o uso da língua portuguesa com mais frequência. Isso nos dá indícios de que a rede de contato da GIF é predominantemente formada por falantes da variedade Deitsch. Nesse sentido, Krug (2004) destaca como a identidade pode ser desconstruída quando o indivíduo sai do seu núcleo familiar e entra em contato com outros indivíduos que possuem vivências e experiências distintas. Esse pode ser um dos motivos pelos quais o informante GIM inclua a língua portuguesa como uma de suas línguas e a

informante GIF, que não costuma sair do seu núcleo familiar, não considerar a língua portuguesa como uma de suas línguas.

Quando perguntados sobre qual a língua que os informantes aprenderam primeiro, a resposta foi unânime, todos mencionaram a variedade alemã como sua primeira língua. Entretanto, quando questionados a respeito de qual língua falam melhor houveram respostas distintas, conforme podemos observar abaixo.

4. Was fo sprechst du besser?

		GIIIM1	●
		GIIIF1	●
●	GIM	GIIIM2	●
●	GIF	GIIIF2	●
<hr/>			
○	GIIIF1	GIVM	○
○	GIIIF2	GIVF	○
Legenda			
Deutsch ●		Português ○	

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

Se observarmos as respostas da questão acima, novamente podemos observar que já existe um distanciamento das gerações mais novas, a GIII e a GIV em relação a variedade alemã, uma vez que os informantes consideram que falam melhor a variedade do português. É possível que isso ocorra pelo fato de as gerações mais novas terem contatos com mais falantes da variedade portuguesa no seu círculo de convívio social, o que faz com que a variedade alemã já não seja mais utilizada com tanta frequência.

O que mais chamou atenção foi em relação a pergunta seguinte, na qual os informantes foram questionados a respeito de qual língua é mais bonita. Todos os informantes referem achar a língua alemã mais bonita, exceto a informante GIVF que responde que a língua que ela acha mais bonita é a portuguesa, assim como podemos observar abaixo.

5. Was fo ist die schönste?

●	GIM	GIIIM1	●
●	GIF	GIIIF1	●
●		GIIIM2	●
●		GIIIF2	●
●	GIIIF1	GIVM	●
●	GIIIF2	GIVF	○

Legenda	
Deutsch ●	Português ○

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

No que diz respeito a pergunta número 6, onde os informantes foram questionados sobre qual a língua que, para eles, é mais difícil de ser aprendida, os informantes GIM e GIF, foram os únicos que responderam que a língua portuguesa é mais difícil de ser aprendida, o que pode estar relacionado ao fato de que estes estão muito mais familiarizados com a variedade alemã e a utilizam com mais frequência no dia a dia. Já as gerações GII, GIII e GIV mencionam a língua alemã como a mais difícil de ser aprendida, a GII possivelmente por já fazer uma maior inserção do português na sua comunicação diária e as gerações GIII e GIV presumivelmente por utilizarem, majoritariamente, o português como língua para se comunicarem.

Em relação à geração GII (dos pais) é possível observarmos que o uso da língua alemã ainda é muito presente, entretanto já há a inclusão da língua portuguesa de forma mais significativa se comparado aos informantes da GI. Na grande maioria das respostas dadas pelos informantes da GII foi utilizada a língua alemã, porém, ao serem questionados sobre qual a língua que costumam utilizar na família (pergunta número 7), os informantes já inserem a língua portuguesa com mais frequência. Em paralelo a isso, as gerações GIII e GIV referem que costumam utilizar a variedade do português com a família.

7. Was fo Sprach sprichst du der mehrste in die Familie?

●	GIM	●	GIIM1	●
●	GIF	●	GIIF1	●
○	GIIF1	○	GIIM2	○
○	GIIF2	○	GIIF2	○
○	GIIF1	○	GIVM	○
○	GIIF2	○	GIVF	○

Legenda				
Deitsch ●	Mais alemão ●	Mais português ○	Português ○	Os dois ○

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

Nesse primeiro bloco de questões, podemos perceber que os jovens se identificam muito mais com a variedade do português, apesar de mencionarem que a variedade do alemão é mais bonita. Além disso, apesar de terem aprendido primeiramente a variedade alemã, os informantes da GIII e GIV já realizaram a sua substituição pela variedade do português, entretanto esse processo tem início ainda na GII.

Na sequência, serão analisadas mais quatro questões referentes à identidade, mas que englobam também as atitudes linguísticas. Abaixo estão listadas as perguntas que serão analisadas.

Quadro 2

Perguntas	GIM	GIF	GIIM1	GIIF1	GIIM2	GIIF2	GIIF1	GIIF2	GIVM	GIVF
10. Was von Sprache sprichst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch/Portugiesisch?	Deutsch	Deutsch	Deutsch	Deutsch	Deutsch	Deutsch	Português	Português	Português	Português
11. Was von Sprache	Jou, Deutsch	Jou, auch Deutsch	Ich denke brasilianisch.	Brasilianisch	Nós temos uma loja,	Ja, es stimmt, wegen die	Português	Português	Português	Alemão

e sprechs t du mehr, Deutsc h oder Brasili anisch?					então falamo s mais o portug uês.	‘loja’ spreche n wir mehr Brasili anisch.				
12. Wenn du Besuch kriegst, was von Sprach e sprechs t du lieber? Deutsc h oder Brasili anisch?	Spricht der Besuch er Deitsch , spreche n wir Deitsch . Wenn der Besuch er Brasili anisch spricht, spreche n wir Brasili anisch. Se é só portug uês nós se viremo s	Spricht der Besuch er Deitsch , spreche n wir Deitsch . Wenn der Besuch er Brasili anisch spricht, spreche n wir Brasili anisch.	Das stimmt, wir spreche n mit dem Besuch spricht. .	Hängt davon ab, wie der Besuch er spricht.	Ja, depend e, wenn sie Deitsch spreche n, spreche n wir Deitsch , wenn nein, spreche n mir Brasili anisch.	Es ist wie er sagte, wir passen uns an.	Portug uês	Portug uês	Portug uês	Portug uês
16. Wie hast du Portug uês gelernt ?	In der Schule.	In der Schule und jetzt mit die netos.	In der Schule.	In der Schule.	In der Schule.	In der Schule.	Em casa e na escola.	Em casa.	Em casa.	Em casa.
17. a) Wie ist/war das Deutsc h in die Schul benutzt ?	Alles Deitsch	War schön, alles alemão	In der schule konnte n mir kein Deitsch , aber mir ‘han toh geschp roh’.	Ja, in der schule haben sie uns davon abgeha lten, Deitsch zu spreche n.	Wir konnte n kein Deitsch spreche n, aber als der lehrer die sala verließ, ‘han mir toh geschp	Mir spreche n Deitsch in der Schule.	Com os amigos do interior faláva mos alguma coisa em alemão , mas no	Uma e outra palavra em alemão , mas era portug uês.	Nós temos aula de alemão .	Sim, nós temos aula de alemão .

					roh'.		mais era falado portug uês.			
17. b) Wie ist/war das Deutsc h in die Kirch benutzt ?	Alles Deitsch . Jetzt spricht der 'phóda ' hier Deitsch , aber die Messen sind auf Brasili anisch. Nur in der deitsch en Woche, die auf Deitsch ist.	Alles Deitsch auch	Alles in Brasili anisch.	Die messe war auf Brasili anisch, aber mir haben uns auf Deitsch unterha lten.	Alles in Brasili anisch, manch mal beteten wir mit der Großm utter auf Deitsch .	Ja, in der kirche war es auf Brasili anisch, aber zu hause haben wir auf Deitsch gebetet .	Em portug uês.	Em portug uês.	Em portug uês.	Em portug uês.

Assim como já citado anteriormente, é visível que há um distanciamento das gerações mais novas com o uso da variedade alemã, o que pode, mais uma vez, ser comprovado pelas respostas à pergunta número 10, onde os informantes foram questionados sobre qual língua preferem utilizar.

10. Was von Sprache sprichst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch/Portugiesisch?

●	GIM	GIIM1	●
●	GIF	GIIF1	●
		GIIM2	●
		GIIF2	●
○	GIIF1	GIVM	○
○	GIIF2	GIVF	○
Legenda			
Deutsch ●		Português ○	

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

Em contrapartida, quando questionados sobre qual a língua que os informantes preferem utilizar (pergunta número 11), obtivemos respostas mais heterogêneas e de certa forma, contraditórias. Como por exemplo a resposta da informante GIVF que, cita gostar mais de conversar na variedade do português porém afirma utilizar mais a variedade alemã. Existe a possibilidade de que a resposta sobre qual língua gosta mais de conversar a informante tenha sido a variedade alemã com o intuito de agradar a entrevistadora, uma vez que é perceptível a sua preferência pelo uso do português.

Os informantes da geração GI foram os únicos, com exceção da informante GIVF, que afirmam utilizar a variedade alemã com mais frequência. As gerações GII, GIII e o informante masculino da GIV afirmam utilizar mais a variedade do português, o que explicita, novamente que a GI é a que mais possui presente o uso da variedade alemã e que, no decorrer das gerações mais novas, de forma gradual, já ocorre a substituição da variedade alemã pela variedade do português.

Aqui novamente temos explicitado a substituição gradual da variedade alemã a partir da GII, onde ela ainda é utilizada com frequência, porém já com o uso da variedade do português com a mesma regularidade, enquanto na GI ainda predomina a variedade alemã e na GIII e GIV ocorre o uso predominante da variedade do português.

Também estão relacionadas à identidade as questões número 19, 20 e 21, conforme abaixo.

Quadro 3

Perguntas	GIM	GIF	GIIM1	GIIF1	GIIM2	GIIF2	GIIF1	GIIF2	GIVM	GIVF
19. Wie fühlst du dich mehr? Deitsch , Brasilianer oder Catarinense?	Ja, hier ist Barriga Verde	Barriga Verde	Ja, brasileiro.	Deitsche	Deitsch	Deitsch	Brasileiro	Brasileiro	Brasileiro	Brasileiro, porque a gente mora no Brasil.

21. Und wenn denkst du an die Deutsche Sprache?	Alles Deutsch	Es ist 'emva' der alemão	Ja, immer.	Immer	Auch manchmal.	Manchmal	Eu penso em português e falo em alemão, eu acho.	Penso em português.	Nunca	Eu também nunca.
22. Wenn die seleção brasileira gegen Alema nha Fußball spiele tut, fowen torciest du?	Mir sind hier für die Deutschen	Für die Deutschen	Brasil	Brasil	Alema nha	Alema nha	Alema nha	Alema nha	Brasil	Brasil

Ao serem questionados sobre como se sentem mais, alemães, brasileiros ou catarinenses, os informantes da GI dizem que se sentem Barriga Verde, que é uma das formas de chamar as pessoas que são naturais de Santa Catarina. Entre os informantes da GII, somente o informante GIIM1 afirma se sentir brasileiro, os demais informantes dessa geração alegam que se sentem mais alemães. Já na GIII e GIV, todos os informantes dizem se sentir brasileiros.

Podemos verificar que, apesar de utilizarem muito mais a variedade alemã, os informantes da GI se identificam mais como pertencentes ao estado de Santa Catarina, através da nomenclatura Barriga Verde. Além disso, o fato de a maioria dos informantes da GII se sentirem mais alemães, mostra o quanto eles ainda se identificam com a cultura e a descendência alemã, apesar de que na fala já estão se distanciando gradativamente da variedade alemã. Ademais, como já podemos observar nas perguntas anteriores, os informantes da GIII e GIV, assim como em relação a variedade do português, se identificam mais como brasileiros, o que novamente nos mostra que há um distanciamento da geração mais nova com a identidade e a variedade alemã.

A pergunta número 21, questionava os informantes sobre quando estes pensam em alemão, as respostas obtidas não fugiram do padrão que pode ser observado nas respostas anteriormente, ou seja, novamente é perceptível que a GI preserva de forma muito forte a variedade alemã, uma vez que ambos os informantes afirmam que “pensam tudo em alemão”. É possível, novamente, destacar que isso pode ser justificado pelo fato de que estes informantes possuem um círculo social e vínculo com outros indivíduos que também possuem identificação, crenças e atitudes majoritariamente relacionadas à variedade e a cultura alemãs.

Os informantes GIIM1 e GIIF1 afirmam que sempre pensam em alemão, já GIIM2 e GIIF2 responderam que às vezes pensam na variedade alemã. Os informantes da GIII foram unânimes na afirmação de que pensam somente na variedade do português e os informantes da GIV se mostraram, de certa forma, admirados que alguém pudesse pensar em alguma língua/variedade que não fosse a do português, pois ambos, ao serem perguntados e responderem a pergunta fizeram expressões faciais de espanto e além da entonação de voz que deixou ainda mais explícito esse sentimento.

Em busca de um panorama geral dos informantes referente a sua identificação com os aspectos relacionados ao alemão, foi feita a seguinte pergunta: “*Wenn die seleção brasileira gegen Alemanha Fußball spiele tut, fo wen torciest du?*” (Se a seleção brasileira jogar contra a seleção alemã, para qual você iria torcer?). Os informantes da GI responderam que torceriam para a seleção alemã. Já na GII, obtivemos duas respostas distintas, enquanto GIIM1 e GIIF1 responderam que torceriam para a seleção brasileira, GIIM2 e GIIF2 responderam que a torcida seria para a seleção alemã. Isso significa que, apesar de se identificarem com o alemão e tudo que a língua e cultura englobam, os informantes GIIM1 e GIIF1 deixam explícito que existem alguns aspectos do país em que vivem se sobressaem.

Os informantes da GIII afirmam que torceriam para a seleção alemã, já os informantes da GIV responderam que torceriam para a seleção brasileira. Ao observarmos esses dados, é perceptível que há momentos e assuntos em que a identificação das gerações mais velhas (GI e GII) se aproximam muito mais da cultura alemã, entretanto, em outros momentos, podemos observar que a GIII ainda possui fortes traços alemães apesar de distanciar linguisticamente, por exemplo.

Nesse sentido, se analisarmos as perguntas desse bloco, podemos constatar que as gerações mais velhas possuem uma maior identificação com a variedade alemã, porém já é

perceptível que há uma forte identificação também com os aspectos do país em que vivem, mas isso ocorre de maneira mais sólida nas gerações mais novas (GIII e GIV).

As próximas e últimas perguntas, englobam as crenças e atitudes. Serão descritas e analisadas as perguntas número 27, 28, 29, 30, 31 e 32.

Quadro 4

Perguntas	GIM	GIF	GIIM1	GIIF1	GIIM2	GIIF2	GIIF1	GIIF2	GIVM	GIVF
27. Gibt es Menschen, die ein anderes Deutsch sprechen? Wo sprechen sie?	Wenn Menschen aus Deutschland kommen, sprechen sie anders.	Es gibt viele Leute, die komisches Deutsch sprechen. Unser Nachbar spricht ein paar andere Wörter.	Ja, und wie in Deutschland ist auch das Deutsche dort anders.	Irgendein Wort hat immer etwas anderes.	Kommt auf den Platz, einige Wörter sind anders.	Ja, weil es auch darauf kommt, wie die Eltern Deutsch gelehrt haben.	Eu acredito que sim, porque como no português tem variações no alemão também deve ter.	Concordo com ela, tem as variações.	Eu acho que não.	Não
28. Gebt es Unterschiede zwischen das Deutsch wo man in Tunápolis spricht und São João?	Es ist alles selvig.	Ja, es ist alles selvig. Es mag ein paar verschiedene Wörter haben, aber die meisten sind gleich.	Wenig Dinge.	Ein und ein anderes Wort	Ich denke nicht.	Einige Wörter müssen haben, aber wenig.	Eu acho até que não.	Também acho que não. Nós temos o nosso tio avô lá e ele fala como nós falamos.	Não soube responder.	Não soube responder.
29. Finst du wichtig das die Kinder die Sprach Von die	Ja, die Kinder wo auch Deutsch sprechen fand Arbeit leichte	Müssen	Ja, wie sie sagte	Die Sprache zu halten, denke ich, ist die Hauptsache.	Manchmal vergessen wir das in der Hektik des Alltags wirklich	Sprache ist ein Reichtum und wir müssen ihn an unsere Kinder	É importante, para que a língua permaneça.	Sim, para manter a língua.	Sim, porque é importante.	Sim, porque temos que saber muitas coisas.

Elder lerne? Warum?	n. Weil sie alten menschen besser dienen können.				h, aber wichtig ist, man sieht in ca. 5 jahren werden nicht mehr so viele menschen Deitsch spreche n.	weitergeben, aber das tun wir nicht immer.				
30. Viele junge Leut spreche n nicht mehr die Sprach e von die Elder... Was denkst du von das?	Ich denke nicht, dass es richtig ist. Um einen 'órvat' zu bekommen, ist dies ein großes diferencial.	Ich denke nicht, dass es richtig ist. Eltern sollten ihre kinder unterrichten.	Ich denke, das gleiche .	Schade , denn in ein paar jahren wird niemand mehr spreche n können .	Schade , denn dass ich heutzutage Deitsch spreche , hilft 'piss fachavã'.	Ja, wie er sagte, und auch später wird der Deitsch e verloren gehen.	É estranho o pensar que nós sabemos falar e entendemos e nossos primos mais novos já não falam. É uma pena porque assim como ela falou, o alemão é um diferencial na questão de empregos, por exemplo.	Nós ainda falamos, mas os pequenos não, acho que para quem trabalha aqui o alemão é um diferencial, então quem não fala fica para trás.	Não soube responder.	Não soube responder.
31. Gibt es Momente, die	Noch nie.	Ich noch nie. Fo was?	Noch nie.	Nie.	Noch nie.	Noch nie.	Não, nunca	Não	Não	Sim, porque os colegas

du dich schämst Deutsch spreche?										dão risada.
32. Denkst du der Deutsch wichtig ist in die Schul? Was fo Deutsch muss gelehrt werden?	Das ist gute! Isso é uma coisa muito boa. Ich weiß nicht, welche Deutsch sie in der schule lernen. Ich glaube, sie lernen Hochdeutsch. Sie sollen das richtige Deutsch lernen, das Deutsch Deutschlands.	Ja. Ich denke, sie lernen ein wenig anders. Ich habe beim Lesen gehört, dass sie unterschiedliche wörter haben.	Ich denke schon, es müsste das Hochdeutsche sein.	Es ist sehr wichtig, die sprache beizubehalten. Das Deutsch, das wir hier sprechen.	Sie müssen Deutsch lernen, um Hochdeutsch zu werden, denn unseres ist falsch.	Sie lernen Hochdeutsch, finde ich richtig.	É importante sim. O alemão da Alemanha.	É importante porque hoje as crianças já não falam mais. Acho que eles deveriam aprender o alemão certo, o nosso é só um dialeto.	Sim, é importante.	É importante.

Ao serem questionados sobre existir pessoas que falam diferente (pergunta número 27), no caso deste trabalho especificamente a variedade alemã, os informantes da GI responderam que sim. O informante GIM e citou principalmente a diferença entre a variedade alemã falada por ele e a variedade falada na Alemanha. A informante GIF afirma inclusive que existem variedades “cômicas”, ou seja, engraçadas.

Em relação às respostas dadas pelos informantes da GII, também tivemos a comparação da variedade usada pelos informantes com o da Alemanha, enfoque feito pelo informante GIIM1. A informante GIIF1 por sua vez, apenas destaca que percebe algumas

palavras diferentes. O informante GIIM2 responde que a variedade depende do lugar onde a pessoa vive e/ou está, aqui é perceptível que ainda existe a ideia de que as variedades dependem e se diferenciam apenas pela arealidade. A informante GIIF2 afirma que a variedade falada depende do que foi ensinado pelos pais, ou seja, segundo ela, os filhos tendem a seguir a variedade utilizada pelos pais. É importante destacar que não é somente isso que influencia no uso de alguma variedade, os pais possuem sim grande influência, entretanto, a própria sociedade e vários outros aspectos podem acabar modificando a variedade das gerações mais novas.

Os informantes da GIII afirmam que existem pessoas que falam uma variedade alemã diferente, inclusive mencionam a respeito das variedades linguísticas. A informante GIIF1 inclusive faz uma relação com o fato de termos muitas variedades da língua portuguesa com as possíveis variedades da língua alemã. Já os informantes da geração mais nova, defendem que não existem diferenças, o que mostra que eles ainda não possuem um conhecimento sobre a temática.

Ainda nesse sentido, sobre ter diferenças no uso da variedade alemã, foi perguntado aos nossos informantes se existem diferenças entre a variedade alemã utilizada em São João do Oeste em relação à variedade alemã utilizada na cidade de Tunápolis, município localizado a cerca de 20km de São João do Oeste.

28 - Gebt es Unterschiede zwischen das Deutsch wo man in Tunápolis spricht und São João?

		GIIM1	●						
		GIIF1	●						
●	GIM	GIIM2	●						
●	GIF	GIIF2	●						
<hr/>									
●	GIIF1	GIVM	○						
●	GIIF2	GIVF	○						
<table border="1" style="margin: auto;"> <thead> <tr> <th colspan="3">Legenda</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Nein ●</td> <td>Einige Worte ●</td> <td>Não houve resposta ○</td> </tr> </tbody> </table>				Legenda			Nein ●	Einige Worte ●	Não houve resposta ○
Legenda									
Nein ●	Einige Worte ●	Não houve resposta ○							

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

Podemos observar que os informantes da GI e GIII responderam que não há diferenças entre as variedades dos dois municípios; o informante GIIF2 também respondeu que não há

diferenças. No que diz respeito aos demais informantes da GII, ambos citaram que existem mínimas diferenças, encontradas em apenas em algumas palavras. Os informantes da GIV não souberam responder a pergunta.

Isso demonstra que os informantes da GI observam uma uniformidade entre a variedade falada nos dois municípios, assim como os informantes da GIII e o informante GIIM2. Já os demais informantes da GII já mencionam algumas diferenças, entretanto estas seriam mínimas, somente em algumas palavras. Os informantes da GIV não souberam responder, possivelmente por falta de conhecimento ou até mesmo pelo pouco ou nenhum contato com pessoas residentes na cidade de Tunápolis.

Na sequência, os informantes foram questionados sobre a importância de as crianças aprenderem a variedade alemã ensinada pelos pais (pergunta número 29). A resposta foi unânime, todos os informantes responderam que é importante, entretanto, apesar de receberem a variante alemã dos pais, as gerações GIII e GIV, apesar de terem adquirido os conhecimentos sobre a variedade, cada vez mais estão se distanciando do seu uso. Assim como já citado anteriormente, é explícito que as gerações mais novas estão utilizando cada vez mais a variedade do português, ou seja, fazendo a substituição da variedade alemã, apesar das gerações demonstrarem uma preocupação em relação a isso. E são vários os fatores que influenciam nesse processo de substituição, como já citado anteriormente, principalmente devido ao contato com usuários, majoritariamente, da variedade do português.

Os informantes da GI não informaram o motivo da importância desse repasse da variedade dos pais para os filhos. Já a informante GIIF1 justifica sua resposta explicando que é importante pois permite com que a variedade continue existindo; o informante GIIM1 apenas concorda. O informante GIIM2 explica acreditar que se a substituição da variedade alemã pela variedade do português, em cinco anos não haverão mais falantes da variedade alemã. A informante GIIF2 explica que a língua é uma riqueza e por isso deve ser passada adiante entretanto salienta que isso nem sempre ocorre. Os informantes da GIII justificam a importância também para que a variedade seja mantida e os informantes da GIV justificam somente afirmando que é importante.

Análogo a isso, a próxima pergunta (número 30), questionava aos informantes sobre o que eles achavam dos jovens que já não falam mais a variedade ensinada pelos pais, nesse caso, a alemã. Os informantes da GI afirmam não acharem correto, ambos afirmam que a variedade deve ser passada adiante para as gerações mais novas. A informante GIIF1

responde que é uma pena e que daqui alguns anos ninguém mais vai saber falar a variedade alemã; o informante GIIM1 afirma concordar. O informante GIIM2 também afirma que é uma pena porque saber a variedade alemã pode auxiliar para conseguir um emprego; a informante GIIF2 concorda e acrescenta que com o tempo a variedade será perdida.

Na GIII obtivemos respostas que evidenciam que já existe uma consciência sobre a substituição da variedade alemã quando os informantes afirmam achar, de certa forma, engraçado o fato de que ainda falam a variedade alemã e os primos menores não falarem mais. Além disso, ambas associam a importância de saber a variedade alemã à maior facilidade para conseguir um emprego. Percebe-se que há uma questão comercial relacionada ao uso da variedade alemã. Os informantes da GIV não souberam responder a pergunta.

A próxima pergunta do questionário questionava os informantes se em algum momento já tiveram vergonha de falar na variedade alemã.

31. Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?

		GIIM1	●
		GIIF1	●
●	GIM	GIIM2	●
●	GIF	GIIF2	●
●	GIIF1	GIVM	●
●	GIIF2	GIVF	○
Legenda			
Não ●		Sim ○	

Fonte: Dados do Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira coletados por Aline Binsfeld (2021)

É interessante observarmos que somente a informante GIVF respondeu que em algum momento já sentiu vergonha de falar a variedade alemã e justifica pelo fato dos colegas de escola darem risada. Esse possivelmente é um dos motivos pelos quais a substituição da variedade alemã é tão presente nessa faixa etária, o fato da variedade alemã ser vista como algo engraçado ou até mesmo estigmatizado, nesse sentido, podemos retomar Krug (2004) que destaca que ninguém quer pertencer a um grupo de menor prestígio, como consequência

disso, a informante GIVF tende a realizar de fato a substituição da variedade alemã pela variedade do português.

Na última pergunta do questionário (número 32) os informantes deveriam responder se acham importante o ensino da língua alemã na escola e qual a variedade que deveria ser ensinada. Todos os informantes responderam que é importante. O informante GIM defende que a variedade “*Hochdeischt*” deve ser ensinada que corresponde a uma das variedades utilizadas na Alemanha. A informante GIF afirma que não sabe exatamente qual a variedade aprendida na escola pelos netos, mas afirma que quando escuta os mesmos lendo percebe que há palavras diferentes.

Os informantes GIIM1 e GIIF1 acreditam que a variedade a ser aprendida na escola também deveria ser o “*Hochdeischt*”. Os informantes GIIM2 e GIIF2 também afirmam que na escola deve ser ensinada a variedade “*Hochdeischt*” entretanto ambos justificam que a variedade falada por eles não é a correta, que a correta é a falada na Alemanha. Aqui podemos perceber como existe um estigma em relação a variedade falada no município e como os informantes possuem prestígio pela variedade utilizada na Alemanha.

Na GIII também obtivemos uma resposta que vai de encontro às anteriores. Enquanto a informante GIIF1 afirma que deve ser a variedade da Alemanha, a informante GIIF2 já realiza o mesmo movimento dos informantes da geração anterior e novamente tem-se a concepção de que a variedade utilizada no município não é o correto e que a variedade da Alemanha é que a deve ser ensinada na escola.

Os informantes da GIV apenas responderam que o ensino da língua alemã na escola é importante, mas não souberam dizer qual a variedade que deveria ser ensinada.

De forma geral, observando a totalidade dos dados, vimos que as mulheres são as que mais incorrem à substituição da variedade alemã pela variedade do português e mais especificamente as mulheres da GIII e GIV. Também, como vimos no quadro número 2 quando questionadas qual língua gosta mais de falar, as mulheres da GIII e GIV lideram falando o português, enquanto que a GI e GII preferem o alemão. Existe aí um fator interessante que merece ser citado e que corrobora na substituição que é o fato de as mulheres das GIII e GIV estudarem, trabalharem e saírem mais do meio familiar, em comparação com as mulheres da GI e GII.

6 Considerações finais

Conforme os dados obtidos nas entrevistas, torna-se evidente o fato de existir um processo, mesmo que gradual e diacrônico aparente, de substituição da variedade alemã pela variedade do português pelos informantes das gerações mais novas, isso já com início a partir da GII. Destaca-se que, a GII ainda possui a variedade alemã presente no dia a dia, entretanto a inserção da variedade do português com grande frequência já pode ser observada.

Na GIII ainda observam-se resquícios da variedade alemã, no entanto esta já foi substituída pela variedade do português, assim como na GIV, onde a variedade alemã já foi completamente substituída pelo português.

São muitos os fatores que influenciam para que as línguas ou variedades minoritárias sejam substituídas por línguas ou variedades de maior prestígio. No caso desta pesquisa uma das principais causas está de fato relacionada aos vínculos dos informantes com outros indivíduos ou grupos que utilizam majoritariamente a variedade do português, o que não acontece com a GI, que ainda preserva, de maneira mais expressiva, a variedade alemã, e também que possui mais vínculos com outros indivíduos que utilizam a mesma variedade.

Além disso, é interessante o fato de os informantes mencionarem que acham a variedade alemã muito bonita, de gostarem de utilizá-la, de acharem importante que os mais jovens a preservem e que aprendam a língua alemã na escola, entretanto é perceptível que a busca de uma maior valorização da variedade alemã está muito mais ligada a aspectos econômicos, como o reconhecimento da cidade como Capital Catarinense da Língua Alemã, e ao turismo. O que pode ser justificado pela falta de incentivo do repasse das variedades utilizadas no município dos pais para os filhos, entretanto é necessário destacar que, na família que foi objeto de pesquisa deste estudo, a variedade foi repassada porém não há uma iniciativa para que ela seja utilizada e mantida.

Ademais vale destacar que entre os informantes entrevistados, os homens se mostraram mais adeptos a utilização da variedade alemã, ou seja, os homens tendem a manter mais a variedade que em comparação às mulheres. Apesar disso, é importante salientar que as mulheres da GI e GII ainda utilizam a língua alemã de forma consistente no dia a dia, porém quanto mais jovens essas mulheres, como no caso das mulheres da GIII e GIV, menos elas utilizam a variedade alemã o que nos leva mais uma vez ao fato de que a substituição ocorre de forma gradual.

Esperamos que nossa pesquisa possa, de certa forma, contribuir para que se tenha um outro olhar em relação à manutenção das variedades minoritárias e possa incentivar novas pesquisas envolvendo essa temática. Nesse sentido, é pertinente, para que essa manutenção realmente ocorra, haja um engajamento entre a família, a escola, e a sociedade como um todo. Quanto à escola, seria desejável que ela não só focasse nas variedades das línguas padrão, como também desse um suporte e uma acolhida de forma a valorizar as variedades ainda faladas no município, minimizando com isso o preconceito e a estigmatização por elas sofridas.

Referências

ALTENHOFEN, C.V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In.: ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.289-315.

BERNARDI, A. **Reflexões acerca de uma política de manutenção linguística do *talian* em Chapecó, SC**. 2015. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

BOLZAN, D. B. Ser / tornar-se bilíngue: o papel da família e escola na manutenção/desenvolvimento do bilinguismo infantil. **Línguas & Letras**, Francisco Beltrão, v. 15, n. 31, p. 1-11, dez. 2014.

FERREIRA, A. G. Os fatores de manutenção e de substituição de língua polonesa no contexto rural do Paraná (1876-2018). **Revista X**, Curitiba, v. 15, n. 6, p. 100-128, 2020.

HORST, C.; KRUG, M. J. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1274-1296, dez. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-joao-do-oeste/panorama>> Acesso em 09 maio de 2021.

KAUFMANN, A. **Manutenção e substituição linguística no contato *deutsch/deutsch/português* em Mondai/SC e Saudades/SC**. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

KLEIN, D. **A percepção do indivíduo bilíngue português-hunsrequiano em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina**. 2014. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

KRUG, M. J. Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguagem no Contexto Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MATOZO, D. L.. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato Português/Talian: contexto urbano e rural de Chapecó** - sc. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584

Michaelis: Dicionário Prático Língua Portuguesa. 2 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO OESTE. Disponível em: <<https://www.saojoao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/9656>>. Acesso em: 5 de mai. de 2021.

ROMAINE, S. Bilingualism. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional do Rio da Prata. In.: ZILLES, A. M. S. **Estudos de variação linguística no Brasil e no cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p.63-92.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplo del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In.: **International Congress of Romance Linguistics and Philology**, XXI, 1998, Palermo. p.701-725.

ZUSAMMENFASSUNG: Die vorliegende Arbeit ist Teil der Forschung der pluridimensionalen und relationalen Dialektologie zu den Sprachen der Einwanderung, und wir haben versucht, in qualitativer Weise die Aufrechterhaltung und sprachliche Ersetzung in verschiedenen Generationen einer deutschsprachigen Sprache zu beschreiben und zu analysieren. São João do Oeste ist eine Stadt im Landesinneren mit etwa 6.500 Einwohnern, die sich im äußersten Westen von Santa Catarina befindet. Es wurde hauptsächlich von Deutschen kolonisiert, die überwiegende Mehrheit praktizierte den Katholizismus, eine Religion, die zur Zeit der Kolonialisierung von der aus Rio Grande do Sul stammenden Kolonialgesellschaft namens Volksverein verlangt wurde. Ausschlaggebend für die Wahl der Stadt war die große Wertschätzung der deutschen Sprache, die sogar Teil des Lehrplans der kommunalen öffentlichen Schulen ist. Die in der Gemeinde gesprochene deutsche Variante ist Deutsch/Deutsch. Durch diese Arbeit versuchten wir anhand einer Datensammlung basierend auf den Dimensionen Diageneneration, Diasexualität und Diafamilie zu verstehen, welche

Faktoren die Erhaltung und den Ersatz der Muttersprache begünstigen und stören, wenn man die Erfahrung in einer zweisprachigen Gesellschaft berücksichtigt, in der beide Sprachen beides sind Deutsch und Portugiesisch werden im Alltag der überwiegenden Mehrheit der Einwohner gleichzeitig praktiziert. Durch diese Forschung wird es möglich sein, diese Dichotomie (Erhaltung-Ersatz) und wie sie in der Gemeinde auftritt, aus der diachronen Arbeit der scheinbaren Zeit zu analysieren.

SCHLÜSSELWÖRTER: Spracherhaltung und -ersatz; Johannes des Westens; Muttersprache; Deutsch.